

baixar os juros

Heitor Tepedino

Nova Iorque — Enquanto o mercado financeiro está trabalhando com a expectativa de que as taxas de juros da "prime rate" podem ultrapassar os atuais 12 por cento, frente a forte demanda de crédito, o Federal Reserve (Banco Central Americano), apoiando tese do diretor deste órgão em Nova Iorque, Anthony Solomon, deflagrou um trabalho junto aos grandes banqueiros no sentido de que seja estudada uma fórmula de concessão de juros mais amenos para os grandes devedores do Terceiro Mundo, como o Brasil, México, Venezuela, entre outros, sob o fundamento de que a política econômica interna dos Estados Unidos não pode penalizar esses devedores.

Como era previsível, os grandes banqueiros mostraram-se contrários a esta proposta, argumentando que tal fato viria atrasar a volta à normalidade do mercado financeiro internacional, porque a partir desta decisão ninguém iria emprestar mais recursos para os Países endividados. No entanto, a versão mais aceitável para a oposição dos banqueiros é que os seus lucros seriam amplamente atingidos, principalmente no caso das taxas de juros virem a subir. Segundo os cálculos do *The New York Times*, tomando-se o ano de 1983, apenas 11 dos maiores bancos americanos mantinham empréstimos junto ao Brasil, México, Argentina e Venezuela de US\$ 47,5 bilhões o que significa que em cada ponto percentual de queda dos juros significa para cada um deles perda de US\$ 575 milhões ao ano.

Da mesma forma que esta conta apresenta perdas no caso de reduções dos juros, pode-se, também, concluir que tendo ocorrido justamente o contrário recentemente, com a "prime rate" reajustada de 11 para 12 por cento, esses bancos aumentaram os seus lucros anuais junto a esses quatro países em 475 milhões de dólares ao ano. Como se isto não bastasse, a cada dia os analistas econômicos vêm aprofundando os alertas de que as taxas de juros voltarão a subir, com suas estimativas sempre confirmando-se, mais cedo ou mais tarde.

Esta deve ser a grande preocupação do Federal Reserve, porque os dirigentes do banco central norte-americano sabem que os países devedores não têm cacife para sustentar novo aumento do custo financeiro de suas dívidas externas, como ficou claro na reação do ministro Ernane Galvêas, da Fazenda, quando do último aumento, mostrando-se irritado com a decisão dos banqueiros internacionais.

O Federal reserve entende também que não pode ficar amarrado em suas decisões de controle da política monetária e inflacionária dos Estados Unidos temendo os seus efeitos sobre o Terceiro Mundo. Daí a intenção de estabelecer-se uma

fórmula que deixe esses devedores à parte das decisões que visem efeitos diretos sobre a economia dos EUA.

Os banqueiros privados internacionais, no entanto, precisam ser convencidos disto, porque eles são os donos do dinheiro. O argumento que levantaram, de que taxas benevolentes para os grandes devedores viria prejudicar o restabelecimento de linhas de créditos normais para esses países é facilmente contornável, porque bastaria estabelecer-se juros melhores para os créditos já contratados no passado, sem atingir as operações futuras. O importante neste episódio é que tanto o governo norte-americano como a maioria dos banqueiros já estão convencidos de que os grandes devedores não suportam essas pressões de reajuste de custos financeiros sobre suas economias, o que esfacela qualquer meta de suas frágeis balanças comerciais.

Além disto, está demonstrado que as altas taxas de juros tiveram grande impacto negativo sobre os índices inflacionários do mundo em desenvolvimento, conforme demonstra trabalho divulgado pelo fundo Monetário Internacional. Constatou-se que enquanto em 1983 os países industrializados apresentaram o menor índice inflacionário deste 1972, os em desenvolvimento tiveram um fenômeno inverso: a Bolívia apresentou em 83 uma inflação de 275,6 por cento, contra 123,4 por cento em 1982; o México ficou com 101,9 por cento em 83, contra 58,9 por cento em 1982. No Brasil um dos principais fatores que dificulta a redução da inflação é a política de desvalorização do cruzeiro frente o dólar, o que é feito para dar combustível à balança comercial, para que possa pagar a conta de juros.

Desta forma, quando o próprio Federal Reserve abre publicamente uma campanha defendendo juros estabilizados para as economias dos países em desenvolvimento é porque estamos num ponto crucial de capacidade de pagamento. Agora, os banqueiros internacionais ficam diante da opção de, um lado, abrir-se mão de parcela dos seus fabulosos lucros, ou, do outro, manter essas taxas, correndo o risco de uma moratória internacional. No caso do petróleo, cinco anos antes da crise as grandes companhias sabiam que se não reajustassem gradualmente os preços para os árabes a crise iria estourar. Oparam por obter lucros monumentais durante um certo período, deixando que a Bomba estourasse mais na frente. Agora, temos o mesmo caso no setor financeiro, restando aguardar a reação dos banqueiros internacionais, porque, ninguém tem dúvida de que com juros de 12 por cento ao ano algo de muito grave irá explodir no setor financeiro, porque não há como os devedores sustentarem suas dívidas, principalmente quando a inflação dos países industrializados está abaixo dos 5 por cento ao ano.